

DOCUMENTÁRIO +
Cláudio Manoel revela
trajetória do artista
plástico Roberto Ataíde em
formato netvídeo. B5



Domingo 30/03/2014

PERFIL. Pintor autodidata e cronista nas horas vagas, o professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, Pedro Cabral, orienta seu processo criativo no ambiente das artes plásticas sob influência estética do fauvismo, ainda que admita não se prender a uma escola em particular, empenhando-se na busca por uma representação mais pessoal de sua verdade como talento criador. Uma atividade que ele procura desenvolver tendo no constante movimento seu elemento primordial. Em entrevista à *Gazeta*, além de falar sobre seu trabalho e suas referências artísticas, Pedro lembra momentos marcantes para sua formação cultural desde a infância, além de outros assuntos relacionados à cultura no estado. Não deixe de conferir



O artista ao lado de uma de suas obras que retratam festas de rua. Caráter cartesiano do seu método de trabalho, o leva a compor as telas em séries as quais procuram dar atenção ao cotidiano nas cidades

LUIS GUSTAVO MELO
REPÓRTER

Não é de hoje que as artes plásticas encontram pontos de convergência com a arquitetura. Em muitos casos, as atividades se completam sempre que algum profissional de sofisticado senso estético decide equacionar tecnologia e arte em projetos que, além de agregar novos valores, apontam tendência. Além disso, tanto a arquitetura como as artes plásticas também têm em comum o fato de existirem desde os primórdios da civilização, onde se desenvolveram paralelamente ao longo do processo histórico da evolução humana, convergindo em vários momentos. Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Ufal, o arquiteto e artista plástico Pedro Cabral admite, por exemplo, que o curso no qual se formou lhe favoreceu fortemente não apenas no campo técnico como artístico, e que o desenho e o conhecimento que obteve sobre a História da Arte foram assimilados dentro desse contexto.

"A formação do arquiteto retine a tecnologia e a arte. A arquitetura é construção sob o signo da arte. A arquitetura era, até surgirem as instalações artísticas, a arte que se visita por dentro com o mesmo êxtase da contemplação externa. Sentimos o conforto do espaço, além do olhar. A arte plástica invoca o

sonho. Mas sem perder o mesmo valor de se buscar o conforto e a evolução da vida. Foi a formação na arquitetura que me levou à arte", afirma ele.

Nascido em junho de 1956, Pedro Cabral viveu sua infância no bairro de Fernão Velho, localidade da qual guarda boas recordações, quando em épocas mais prósperas, a comunidade tinha o privilégio de receber as mais diversas atrações musicais e de participar dos vários eventos culturais que aconteciam no antigo distrito fibril. Arquiteto e urbanista formado em 1978 na primeira turma do curso na Ufal, já no ano seguinte o jovem formando foi fazer pós-graduação no Rio de Janeiro e, desde 1980, é professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Ufal. Mas é na condição de pintor autodidata que ele tem encontrado nos últimos anos um objetivo no campo da criação, em um trabalho que, segundo ele, lhe fortalece o espírito.

Modesto, o artista confessa ainda ter certo receio de mostrar seus trabalhos, dizendo que só há bem pouco tempo criou coragem de apresentar algumas de suas obras em coletivas e em uma primeira exposição individual. Assim, ainda que de forma tímida, vai expondo suas telas e cativando olhares em salões e galerias. "Sou um péssimo propagandista do meu trabalho", ele



PEDRO CABRAL
ARTISTA PLÁSTICO

"Me sinto à vontade para falar sobre escola ou estilo, apesar de ainda não tê-los configurados em minha formação, a despeito de vislumbrar um caminho. Meu trabalho tenta trazer à tona a beleza das cores fortes encontrada nos fauvistas. Como a minha formação é de arquiteto, fujo do fauvismo no quesito perspectiva, pois ele distorce, como princípio, a perspectiva"

admite. "Mas o lado protegido de um computador me deu a coragem de jogar nas redes alguns desses trabalhos. E assim, participei de quatro Exposições Coletivas - Iphan, duas da Marinha e uma do Congresso Panamericano de Arquitetura, com curadorias de Beta Bastos e pelo Fredy Correia, que foram gentis em me dar essa oportunidade."

Uma das características mais identificáveis de sua produção é a de conceber suas obras em temas que divide em séries. Fato que ele reconhece, ao revelar que é "meio cartesiano e racionalista". "Tento sistematizar meu pensamento. Claro, quando algo aborrece, viro anarquista, viro nihilista, viro desconstrutivista. Uma série que tenho dado atenção é o cotidiano", conta.

Além da arquitetura e da pintura, Pedro Cabral também se dedica a produção de textos literários. "Nos anos 1990, escrevi muitas crônicas em vários jornais locais, diários e semanais. Escrevi um romance e um livro com textos curtos à la Millôr, não publicados, que se encontram esquecidos em algum lugar."

Ao contrário da maioria dos artistas plásticos, que não admitem rótulos ou qualquer tipo de classificação, Cabral não vê nenhum problema em revelar suas referências. "Me sinto à vontade para fa-

lar sobre escola ou estilo, apesar de ainda não tê-los configurados em minha formação, a despeito de vislumbrar um caminho", pondera ele.

"Meu trabalho tenta trazer à tona a beleza das cores fortes encontrada nos fauvistas. Como a minha formação é de arquiteto, fujo do fauvismo no quesito perspectiva, pois ele distorce, como princípio, a perspectiva. Matisse, André Derain, Soutine, são autores que admiro. Claro, o amarelo de Van Gogh, o traço livre de Picasso, a leveza do traço de Toulouse-Lautrec, a sobreposição de cores de Monet. Meu trabalho é um apanhado de todos eles. No momento, na intenção da minha identidade, ele se situa entre as expressões figurativas e o traçado abstrato. Retino os dois e os deconstruo, em apenas suposições imaginárias. Claro, por vezes sou mais explícito. Não me atraí o abstracionismo por completo. Uso a tela de tecido de lona crua como base do meu trabalho. De modo algum, me sinto incomodado em ser considerada uma expressão tradicional. Também não tenho nada contra outros recursos. Mas vejo fortemente uma aceleração maior por esse meio nos diversos museus que animam o mundo. Procuro não seguir modismos, o que implica dizer que não queira estar 'antennado' com o mundo. Ver um

copo de plástico ao lado de um cinzeiro e achar que isso é arte é desconsiderar a ironia de Marcel Duchamp."

No que se refere ao vício nefasto de boa parte dos artistas e produtores culturais de Alagoas, de olhar para o próprio umbigo, ao invés de tentar construir um cenário artístico forte, ativo e comprometido com a possibilidade de reverter a histórica baixa autoestima do povo alagoano, Pedro Cabral tem sua opinião, mas acredita que não é justo acusar os agentes que lidam com cultura no estado. "Onde há validade, não há comunhão. Pode haver até criatividade, alimentada pela competição. Mas creio não ser o caminho inteligente para um lugar onde as mãos dadas são mais importantes do que o espelho de olhar pra dentro de si mesmo. Creio não fazer sentido acusar quem quer que seja por essa falta de comprometimento. Talvez estejamos conscientes da necessidade em colaborar na valorização dessa autoestima, mas não estamos conscientes na práxis ação/reflexão, de modo que ainda não sabemos o que fazer", pontua.

Nesta edição, você vai conhecer um pouco mais o universo criativo, o pensamento e a história de Pedro Cabral, nas palavras do próprio artista. Confira a seguir. **Lêia nas págs. B2 e B4**